

EMMANUEL CARNEIRO LEÃO

## HERÁCLITO E A APRENDIZAGEM DO PENSAMENTO

EMMANUEL CARNEIRO LEÃO

*Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Em seu livro, *Sobre o Oráculo da Pítia*, Plutarco faz uma citação de Heráclito que, na coleção dos fragmentos, Hermann Diels classificou de fragmento 92 :

Σίβυλλα δὲ μαινομένων στόματι  
ἀγέλαστα καὶ ἀκαλλώπιστα καὶ  
ἀμύριστα φθεγγομένη χιλίων ἑπτῶν  
ἐξικνεῖται τῆ φωνῆ διὰ τὸν θε

A Pítia, porém, com boca delirante,  
não diz coisas alegres nem elegantes  
nem perfumadas e, pela força do  
Deus, atinge, com a voz, milhares  
de anos.

Por força do pensamento, a voz de Heráclito também atravessou milhares de anos e chegou até nós; e não apenas nem principalmente nos cento e tantos fragmentos, que nos sobraram e sim transformada na correnteza de toda a história do Ocidente. Heráclito é uma presença sempre presente em cada passo da história. Embora tenha vivido nos primórdios, o seu pensamento não é um passado que um dia foi e hoje em dia já não é mais. O seu pensamento é uma vigência sempre por vir em todo desafio para pensar. Heráclito não é um pensador de hora certa nem um pensador de certas horas. Heráclito é um pensador de qualquer hora, em que se trate de aprender a pensar. É este sentido da famosa frase de Hegel : “*in der Philosophie gibt es weder Vorgänger noch Nachgänger*” : “na filosofia não há nem precursores nem sucessores”.

O curso deste período propõe um exercício desta aprendizagem, fazendo o esforço de pensar alguns fragmentos de Heráclito. A aprendizagem do pensamento

KLÉOS N.1: 113-142, 1997

113

Esta paginação não deve ser usada como referência.

Para citação bibliográfica, utilizar a paginação da edição impressa,  
disponível em versão escaneada em <http://www.pragma.kit.net/kleos.html>

passa sempre pelas obras dos grandes pensadores. Mas uma leitura com o propósito de pensar não pode ser ideológica. Não se estudam os grandes filósofos para repetir as atitudes, que tomaram, as posições, que defenderam, ou as respostas que deram. Em toda leitura e interpretação de um texto está em jogo a capacidade de pensar de quem lê e interpreta. “A filosofia não é uma doutrina. É uma atividade”, diz Wittgenstein, no *Tractatus*; a atividade de aprender e ensinar a pensar. A tarefa do pensador não é construir respostas nem formular teorias. Isto é coisa de cientista. A tarefa do pensador é examinar as irrupções das diversas respostas e teorias em seus respectivos pressupostos de sustentação.

Com este propósito, fica já estabelecido o que não se deve esperar do curso. Não se pretende satisfazer curiosidades. Por isso não se visa a conhecer as idéias e representações que passaram pela cabeça de um cidadão de Éfeso do final do século VI e começo do século V antes de Cristo. O curso não vai discutir Heráclito mas o que Heráclito discutiu. E não apenas no sentido de informar-se das questões, para a qualquer tempo se poder dizer : Heráclito de Éfeso discutiu esta e aquela questão, tratou deste e daquele problema, nesta e naquela perspectiva, com este e aquele resultado. Isto são coisas para aprendiz de historiador e não para aprendiz de pensador. O propósito do curso não é aprender filosofia mas aprender a pensar.

O desafio é como fazê-lo e o que fazer para pensar, não de certo como Heráclito mas com Heráclito o *Lógos* de tudo? - A primeira condição é desvencilhar-se da lógica e de seu contrário, o ilógico, do racional e de seu oposto, o irracional, do raciocínio e de seu contraste, o sentimento, da teoria e de seu êmulo, a prática. O período helenista reduziu o *Lógos* à lógica. Nos cálculos da razão e do raciocínio “ficou presa” a liberdade do pensamento. Por isso, desde então, surgiu uma estória sobre o aprisionamento e desprendimento da racionalidade. Aristóteles chegara às praias de Asso e andava pela areia tentando definir num conceito o ser de todo sendo! É a questão diretriz do primeiro capítulo do sétimo livro da *Metafísica*: Z, 1, 1028b:

καὶ δὴ καὶ τὸ πάλα τε καὶ νῦν  
καὶ αἰεὶ ζητούμενον καὶ αἰεὶ  
ἀπορούμενον, τί τὸ ὄν;

“É assim pois, o que tanto outrora,  
como agora, como em qualquer  
hora, se procurou e para o que  
nunca se encontrou uma saída,  
foi o questionamento da questão:  
o que é o ser de todo sendo?”

De repente Aristóteles notou que um ancião tinha cavado um enorme buraco na areia e, com uma colher de chá, ia buscar água do mar e vinha para encher o buraco. Aproximando-se do velho, quis saber o que pretendia todo aquele esforço. – O ancião respondeu que ia transferir o mar para o buraco. - Aristóteles revoltou-se: você está maluco? Este é um esforço de Sísifo num trabalho de Tântalo! Você não está vendo o tamanho do buraco e a imensidão do mar? Será que pode haver alguma proporção entre o volume das águas e as dimensões de uma colher de chá? – Antes de calar-se, o velho ainda perguntou: e a sua cabeça será maior que o buraco na areia? E o ser será menos vasto do que a imensidão do mar? E num conceito poderá caber tudo que é o ser de uma colherinha de chá?

Esta, a estória do aprisionamento e desprendimento da razão lógica! Corre à boca pequena, tanto no Oriente, como no Ocidente, que o velho da praia era Heráclito de Éfeso! É que, para Heráclito, a realidade não é lógica, é *Lógos*. É tanto cósmica como caótica mas não é lógica. Que diferença se dá entre *Lógos* e lógica? A maneira mais direta e simples de se responder é compreender numa experiência que a lógica é uma doutrina sobre o pensamento, é uma teoria do que é a verdade, é uma disciplina das relações, enquanto o *Lógos* é o próprio pensamento, é a própria verdade, é o próprio relacionamento. Para ser completa, a lógica tem de ser abstrata, para ser consistente, a lógica tem de ser excludente, para ser coerente, a lógica tem de ser definida, para ser contínua, a lógica tem de ser uniforme. Para ser conseqüente, a lógica tem de ser seqüencial e discursiva. A lógica não pode ser concreta. Basta ser discreta. Não pode ser conflitual. Basta ser linear. O *Lógos*, não. É integrador e con-creto: pois cresce junto com a tensão dos contrários e a força inovadora dos conflitos. A cidade não é o mapa. É, ao mesmo tempo, mapa e não mapa. Somente assim, o piloto pode encontrá-la. Nenhum real pode ser substituído por variáveis e funções abstratas. E por que não? - Porque lhe pertencem sempre tanto realização como não realização. O seu “é” cumpre, enquanto é, um constante vir-a-ser, pois nele se inclui todo o ser e todo o não ser. É o que nos recorda ao pensamento um famoso poema de Alfred Tennyson (1809-1893, amigo de Gladstone e Carlyle) :

Flower in the crannied wall,  
I pluck you out of the crannies, -  
Hold you here, root and all, in my hand.  
Little flower - but if I could understand  
What you are, root and all, and all in all,

I should know what God and man is.

Por isso também nenhuma realização de qualquer real pode ser reduzida apenas à marca de alguma função. Assim por exemplo, à realização do real, ser vivo, pertence sempre tanto viver como morrer. Em sua realização, viver é também morrer a cada instante da vida. Por e para morrermos um dia, temos de viver e morrer cada dia a todo momento. A vida e a morte são as duas asas. Nenhum pássaro pode voar, batendo apenas a asa direita ou a esquerda. Na vida, ninguém pode ser esquerdista, sem também ser, ao mesmo tempo, direitista e centrista. Somente na ideologia de uma doutrina é que se pode ser uma coisa com a exclusão da outra. Pois, em sua ideologia, nenhuma doutrina é con-creta, isto é, nasce e cresce na eclosão da vida e por isso mesmo não consegue correr em sintonia com o ritmo de sua correnteza. Uma doutrina precisa ser lógica. A vida, não. A vida é e, lhe basta ser, vasta. Como diz Rilke no sexto soneto para Orfeu : “de dois reinos é feita sua vasta natureza”. Somente, sendo estreita, é que a lógica pode ser exata. O *Lógos* não precisa reprimir nem mesmo excluir nada. Acolhe, ao contrário, o próprio Nada. Não precisa temer a contradição. É na tensão das contradições que se potencia sua força de coesão e o ritmo de sua expansão.

Neste sentido, a única condição, mas uma condição necessária e indispensável, para se aprender a pensar com o pensamento de Heráclito é desvencilhar-se da ditadura da razão e depor a dominação do raciocínio, isto é, livrar-se dos vencilhos da lógica e abandonar-se ao mistério da realidade. O pensamento não é conquista, nem da salvação nem do poder. O pensamento é entrega a uma iluminação repentina e súbita. Não existe um processo gradual que, aos poucos, assegurasse a posse do pensamento. Todas as graduações pertencem à razão. São artimanhas do raciocínio. Todos os degraus impõem um movimento de aproximação progressiva. Ora, do pensamento ninguém se achega pouco a pouco. É impossível ir crescendo em sua direção, passo a passo. Heidegger lembra que no pensamento só é possível o pulo. Não, de certo, um pulo de fora para dentro. Nós já estamos, desde sempre, em seus domínios. O pulo é um sobressalto que nos abala a letargia desperta do sono a vigilância do espírito. O pulo do pensamento é a descoberta de já estarmos sempre pulando num abismo. É que, no pensamento, não se trata de uma totalidade somatória. Trata-se de um todo simples. Por isso, a lógica do raciocínio, que só sabe mesmo calcular, não pensa nem pode pensar. O raciocínio só entende o que pode ser analisado e/ou sintetizado. A razão só sabe lidar com migalhas e alça: partes, fragmentos, frangalhos. Seu procedimento ou é analítico ou é sintético. Por

ser simples, isto é, por resistir a qualquer decomposição e/ou excluir qualquer composição, o todo sempre escapa de suas malhas e não aparece no registro de seus sensores. Para a racionalidade da razão e a lógica do raciocínio, o todo simples é, assim, absurdo, *no-sensical*, *ein Un-sinn*. Com toda a razão, portanto, Wittgenstein diz no nº 119 de suas “Investigações Filosóficas”, que “os resultados da Filosofia são a descoberta de algum absurdo simples e os galos que o entendimento arranjou, ao arremeter contra os limites da linguagem. Estes, os galos, nos permitem reconhecer o valor daquela, a descoberta”.

119: “Die Ergebnisse der Philosophie sind die Entdeckung irgend eines schlichten Unsinn und Beulen die sich der Verstand beim Anrennen an die Grenze der Sprache geholt hat. Sie, die Beulen lassen uns den Wert jener Entdeckung erkennen.”

Heráclito é um dos pensadores originários do Ocidente. Originários são os pensadores que, em tudo que pensam, sempre pensam a realidade dando origem a tudo em tudo. Para eles a realidade é o todo simples do pensamento e vice-versa. Pensar, assim como pensam os pensadores, não é conhecer no sentido de determinar relações e funções. Também não é refletir sobre a origem nem representar processos de constituição. Há uma diferença essencial, isto é, no modo de ser, entre “remontar à origem de alguma coisa na e da realidade” e “refletir ou determinar a origem de alguma coisa em outra”. No primeiro caso, temos o pensamento originário, no segundo caso, temos um conhecimento etiológico. O que é, então, pensar, se não for conhecer, representar, refletir? – No terceiro soneto para Orfeu, Rilke nos dá a resposta:

“Um Deus o pode. No entanto, dize-me, como  
um homem há de segui-lo pela estreita lira?  
O sentido lhe é bifurcação. No cruzamento de dois  
caminhos do coração, nenhum templo se ergue para Apolo.

Pensar, como ensinas, não é cobiça  
nem conquista de algo que por fim se alcança.  
Pensar é ser. Para um Deus, muito fácil.

Mas nós, quando é que somos? E quando ele faz  
voltar para nós a terra e as estrelas?  
Jovem, amar ainda não é nada  
- embora a voz te force a boca - aprende  
a esquecer que pensaste. Isto se apaga.

Na verdade, pensar é um outro sopro.  
Um sopro pelo nada. Um vibrar em deus. Um vento.”

Pensar vem do participio passado, *pensum*, do verbo latino, *pendere*, cujas formas são: *pendo*, *pependi*, *pensum*, *pendere*. Significa pendurar e pender. Do participio, *pensum* (= pendurado, pendido), formou-se ainda no latim o substantivo, *pensum*, que diz, em sentido derivado, o encargo, a tarefa, e, em sentido próprio, a quantidade de fio que se pendura para a tarefa de tecer e fiar por um dia.

É de toda esta experiência que se derivou para as línguas neolatinas o verbo, pensar, penser, pensare, pensar. A concentração e articulação da tecelagem remetem sempre, de alguma maneira, além dos fios e da tecitura, para a totalidade do real, o universo das realizações e o todo da realidade, donde já provém a integração, o tecido ou conjuntura de todos os processos de ser e vigência. Daí, quando num fermento rompeu o tecido das células, pensar a ferida não diz em primeiro lugar refletir ou representar, nem calcular ou raciocinar nem determinar relações ou instituir funções. Diz, antes de tudo, amarrar com um pano para restaurar o tecido, a tecelagem das células, de maneira a permitir de novo a passagem das várias correntes: a corrente do sangue, a corrente dos estímulos, a corrente bio-elétrica, a corrente bio-química. Pois bem. É no exercício radical e constante de uma não restauração semelhante na remissão da realidade nas realizações do real que reside o ofício por excelência do pensamento. Neste sentido, todo pensamento é integrador: aglutina sempre o real com a realização. E quando esta aglutinação restitui à realização do real sua proveniência no mistério inesgotável da realidade, temos um pensador originário. Heráclito é um deles: um tecelão da realidade. No princípio do pensamento ocidental, os pensadores originários pensam, numa copertinência essencial de proveniência e constituição, o real em sua realização. Pensar o real em sua realização originariamente é tecer a realidade nas peripécias de sua vigência e nas vicissitudes de sua irrupção.

Com certeza historiográfica, de Heráclito sabemos apenas que viveu, pensou e morreu em Éfeso entre 540-480 a. C. De seu pensamento nos chegaram fragmentos em citações de autores posteriores. Em suas preleções de história da filosofia, proferidas em Berlim desde 1818, Hegel o considera pré-aristotélico, Nietzsche, em suas preleções de 1863 sobre *A Filosofia na época trágica dos gregos*, pré-platônico e Diels, seguindo a posteridade do século XIX, o classificou de pré-socrático. Heidegger é o único, ao menos no Ocidente, que, em várias preleções (Heraklit, Parmenides) e ensaios (Holzwege, Vorträge und Aufsätze), o compreende como

pensador originário. As três primeiras qualificações - de pré-aristotélico, pré-platônico e pré-socrático – dizem a mesma coisa: um anacronismo na compreensão de Heráclito, que esconde uma dificuldade de pensar. Hoje em dia, apesar de todo o esforço de Heidegger, nós o conhecemos quase que somente, como pré-socrático.

Estranha esta classificação e mais estranho ainda, este termo: pré-socrático. Felizmente, trata-se de uma estranheza que nos pode ajudar a aprender a pensar, como pensam os pensadores. Pois tanto a classificação como o termo evocam uma anterioridade curiosa. No “antes” do “pré-” fala-nos de um “ainda não” uma pretensa superioridade do posterior: os pré-socráticos ainda não são socráticos, isto é, filósofos, como todo pensador deve ser. No máximo são precursores que preparam o advento de Sócrates com a filosofia, ou seja são filósofos ainda primitivos.

A força semântica do termo não é tão inocente assim, pois não diz mera fronteira cronológica. Insinua uma discriminação axiológica. Sócrates não somente baliza a história dos pensadores gregos em “antes” e “depois”. Sócrates é também o juiz do direito de os pensadores serem filósofos. Os pré-socráticos formam, pela sentença socrática, a pré-história de toda a história da filosofia. Pois Sócrates serve sobretudo de parâmetro universal para se avaliar a capacidade de pensar de todos os gregos pelas coordenadas da filosofia. Para toda a história da filosofia, Sócrates se constitui no meridiano de Greenwich. Nele as águas do pensamento se dividem não apenas em “antes” e “depois” mas, acima de tudo, em precursores e sucessores. Por Sócrates se mede toda a latitude e toda a longitude do pensamento, tanto em sentido horizontal como em sentido vertical. A um tempo só, Sócrates se fez o ponto zero final do pensamento e se tornou o meridiano zero inicial da filosofia.

Ao se dizer, portanto, que Heráclito é pré-socrático, o qualificativo não é um simples adjetivo de classificação cronológica. É um substantivo de dominação da metafísica. Com ele não falamos de Heráclito e do pensamento originário. Falamos de Sócrates e repetimos a dominação da filosofia. Ambos, tanto Sócrates, quanto a filosofia, estendem um domínio planetário por sobre o país do Ocidente e cobre toda a sua paisagem. Hoje vivemos toda a problemática do FIM desta dominação e somente por isso a percebemos e sentimos, como dominação, e somente por isso podemos pensar o pensamento de Heráclito em sua originalidade.

E, com este propósito, devemos dispensar não apenas os adjetivos como também os substantivos e principalmente a gramática e a lógica que cedo se apoderaram da linguagem, do pensamento, da poesia, da arte e de quase tudo no mundo do Ocidente. Mas dispensar não significa não usá-los com medo de contágio.

Como a metafísica, também “a lógica”, nas palavras de Paul Valéry, “só faz medo mesmo ao lógico”. Ser lógico é ter sempre e em toda parte a obsessão de não violar a lógica; um medo, que, de alguma maneira e não de qualquer maneira, todos nós temos hoje em dia. Dispensar diz, ao contrário, usar radicalmente a gramática e a lógica como alavanca de Arquimedes, para deslocar dos gonzos o império desta dominação milenar em fim de carreira histórica.

Um dos caminhos para se chegar ao pensamento originário de Heráclito e aprender, assim, a pensar, é pensar-lhe as palavras de pensador. De Heráclito se perdeu o livro que toda a tradição lhe atribui com o título *περὶ φύσεως*. Sobraram apenas 126 fragmentos e algumas estórias, conservados em citações e anedotas posteriores. Não devemos lamentar esta pouca sorte. Pois se é pouca ou muita sorte, vai depender de nós, isto é, de nossa capacidade e disposição para aprender a pensar radicalmente. Talvez os poucos fragmentos nos ajudem mais a pensar do que os muitos e grossos volumes dos pensadores posteriores. Da maioria deles nos restaram as obras completas mas a dificuldade de pensar não diminuiu, se não aumentou.

No caso de Heráclito, fragmentos e anedotas provêm de um mesmo movimento: da vitalidade de pensamento do pensador. Os fragmentos não podem ser pensados sem as estórias e as estórias não têm sentido sem os fragmentos. Ambos, fragmentos e anedotas, se completam numa recíproca correspondência de constituição, como o fazem palco e ator na ação do teatro. Pondo-nos na atmosfera do pensamento, as estórias, ainda que inventadas ou até por isso mesmo, nos trazem uma experiência de verdade mais originária do que qualquer dado biográfico estabelecido com os métodos da historiografia. E por que? - Porque elas nos colocam no fluxo criador do próprio movimento de pensar a liberdade do pensamento.

De início, vamos respirar o ar de três estórias. Não sabemos e nem poderemos saber nem mesmo importa saber se de fato aconteceram os fatos narrados. Já terem sido conservados por mais de 2 mil e quinhentos anos nos testemunha algo da atitude e atmosfera do pensamento de Heráclito. As estórias também não servem para suprir a falta de dados biográficos. Ao contrário nos fazem pensar, pois prestam para nos convencer da inanidade das biografias quando se trata de aprender a pensar pensamentos. Liberando-nos a capacidade de pensar de modelos historiográficos e de respostas biográficas, as anedotas ajudam a nos ex-pôr à provocação e a nos abrir à linguagem do pensamento. Hábito tem a ver com *habere*, ter. Mas nossos hábitos de pensar não são apenas algo que temos. São muito mais



algo que nos tem e, tendo-nos, nos detém a liberdade de pensar pensamentos dentro de limites e modelos, dentro de padrões e sistemas. É esta experiência de liberdade para pensar que nos proporcionam as três estórias que a tradição nos conservou sobre o pensamento de Heráclito de Éfeso.

A primeira delas nos registra Aristóteles num pequeno tratado, *De partibus animalium*, A 5, 645a17:

Ἡράκλειτος λέγεται πρὸς τοὺς ξένους εἰπεῖν, τοὺς  
βουλομένους ἐντυχεῖν αὐτῷ, οἱ ἐπειδὴ προσιόντες  
εἶδον αὐτὸν θερόμενον πρὸς τῷ ἰπνῷ ἕστησαν,  
ἐκέλευε γὰρ αὐτοὺς εἰσιέναι θαρρούντας· εἶναι  
γὰρ καὶ ἐνταῦθα θεοῦς

De Heráclito conta-se ter dito uma palavra a  
uns estranhos, que desejavam visitá-lo.  
Tendo chegado, pararam, quando o viram  
aquecendo-se junto ao forno. É que a eles  
hesitando ainda os convidou a entrar, dizendo:  
pois também aqui estão os deuses...

No primeiro livro da *Metafísica* (A 982b, 12), Aristóteles, seguindo Platão, considera que o princípio de toda a filosofia é τὸ θαυμάζειν, a admiração: “διὰ γὰρ τὸ θαυμάζειν οἱ ἄνθρωποι καὶ νῦν καὶ τὸ πρῶτον ἤρξαντο φιλοσοφεῖν, ...” é, pois, pela admiração que, tanto agora como desde sempre, os homens têm principiado a filosofar...” ! É assim devido à capacidade de espantar-se com o extraordinário dos fenômenos que, agora e sempre, os homens foram levados a pensar. Se as coisas admiráveis têm jogado os homens no questionamento do princípio e fim de todas as coisas, o que faz um fenômeno ser admirável e espantoso e o que exige e requer um questionamento? Heráclito nos responde radicalizando as perguntas. Radicalizar as perguntas significa expor, no sentido de trazer à tona e fazer aparecer as pressuposições que se escondem nas possibilidades de perguntar e responder. Por que tanta dissimulação de suposições nas perguntas e tanta ilusão de as respostas serem cabais, isto é, de acabarem com as possibilidades de perguntar? Porque todo questionamento exige transformação no modo de ser e impõe aceitação do real em toda sua realização! Ora crescer dói na alma e transformar-se traz um sofrimento essencial. Por isso o espanto se tornou logo curiosidade e a busca do interessante substituiu rapidamente a admiração. Curiosidade é o açodamento de olhar tudo sem ver nada, é a voracidade de saber tudo, e não ser nada. E interessante é tudo que mobiliza a sofreguidão das trocas e acirra o ritmo do consumo, sem se ter de assumir o peso das mudanças nem a responsabilidade das decisões.

Foi neste açodamento da curiosidade e movido pelo interessante que o grupo de estranhos foi visitar Heráclito em busca de novas experiências. Era dia de inverno. Na praça não acontecia nada. O frio não deixava que se batesse um prego. Surgiu, então, a idéia de ir visitar Heráclito. Esperavam encontrar o pensador em situações estranhas e fazendo coisas que se opusessem ao modo de agir comum dos homens. Visitando um pensador na ociosidade de um dia rigoroso de inverno, contavam encontrar algo que, por algum tempo, servisse para alimentar um bom papo e rendesse uma fofoca interessante. Ao menos, poderiam presenciar o momento em que, mergulhado em profundas reflexões, um pensador pensa. Poderiam, então, sair dizendo já terem visto e ouvido alguém de quem tanto se fala e sempre se diz ser um pensador, e um pensador dos bons, um pensador, αἰνικτῆς καὶ σκοτεινός, “enigmático e obscuro”.

Contra todas suas expectativas, os visitantes encontraram Heráclito com frio junto a um forno. Uma situação comum, sem nada de anormal, um lugar comum, sem nada de extraordinário. Uma experiência banal, muito corrente em qualquer dia de inverno. No forno arde o fogo e se assa o pão. Mas o que há de tão transcendente e filosófico nisto? E nem mesmo com o fogo nem do pão cuida Heráclito. Não está fazendo nada. Sentindo frio, aproximou-se do forno para aquecer. Um lugar comum, uma situação comum, uma condição comum. Tudo na mais perfeita ordem de todo dia. Heráclito o pensador αἰνικτῆς, que fala por enigmas, ὁ σκοτεινός que é considerado o obscuro porque fala coisas confusas que ninguém entende, é um ser humano ordinário, como qualquer outro. A visão de um pensador com frio não tem nada de interessante ou curioso e ainda vem frustrar a expectativa ordinária de que o pensamento mora nas estrelas e vive no extra-ordinário. Diante do quadro, os visitantes perdem logo a vontade de chegar mais e entrar. O que poderão encontrar num forno que já não saibam e conheçam demais? O fato banal de no inverno alguém sentir frio e se achegar ao forno para se aquecer, qualquer um pode presenciar em casa mesmo. Não é preciso visitar um pensador. E pararam para dar meia volta.

Na decepção de suas fisionomias Heráclito não vê apenas a frustração. Heráclito é pensador e vê as suposições que geraram todas as expectativas dos visitantes. Supunham que, para pensar, tem de se viver num outro mundo e emigrar para “o infinito e virar constelação”. Supunham que um pensador tem de se comportar de modo estranho e viver em situações curiosas. Supunham também que já sabiam tudo do forno, do fogo, do frio, do homem e sua condição humana, dos

deuses e seu destino, do real e irreal. Supunham por fim que as diferenças excluem e separam as pessoas, as coisas e os processos de ser e realizar-se uns dos outros. E não somente supunham tudo isto. Na força destas suposições se criaram os hábitos de pensar e se formaram os modelos de relacionamento que prendiam os visitantes a certas expectativas e lhes prometiam determinadas sensações. A frustração de umas e a falta das outras os fizeram hesitar. Heráclito percebe e compreende. Por isso lhes infunde coragem e os anima, convidando a entrar com as palavras:

“também aqui estão os deuses”

Estas palavras fazem pensar porque retiram as suposições em que se baseiam as expectativas dos visitantes. O pensamento é como a dança da capoeira. Na capoeira, todos os movimentos, gingas e negaceios dos capoeiristas visam a tirar o equilíbrio e dar rasteira no outro. Na capoeira do pensamento, o pensador dá rasteira em si mesmo, retirando as suposições em que o próprio pensamento se planta. A rasteira dada pelo pensamento em si mesmo abala a solidez e sacode a inércia de pensar dos hábitos inveterados e padrões não pensados de pensamento. Nesta dança curiosa, uma nova luz ilumina a morada e guia a atitude do homem na história. A anedota não diz, se os visitantes aceitaram ou mesmo perceberam a proposta e seguiram o convite do pensador e começaram a transformar-se, vendo tudo numa nova luz. Ou se continuaram presos às suposições e empenhados em satisfazer expectativas. Toda provocação do pensamento é apenas uma indicação para se transformar.

Quando se aponta a lua com o dedo, quem se prender ao dedo, não vê nem a lua nem o dedo. Se os visitantes viram ou não a lua, não diz a estória. Mas, para provocar-nos a pensar, nem mesmo precisa dizer. O fato de se ter contado esta estória, por mais de dois mil e quinhentos anos até os dias de hoje, nos diz uma outra coisa: a anedota do pensador ao forno tem algo a ver não apenas com a atmosfera do pensamento originário mas também com os ares do Fim da filosofia, em que nos debatemos hoje. Como assim? - Pois nos ajuda a seguir o convite do pensador e pensar a capoeira do pensamento mesmo nas tormentas da funcionalidade quando, nos tormentos de uma sociedade cada vez mais descartável, se petrificam nossos modos de ser, se enrijecem hábitos de pensar e se esclerosam modelos de agir. A estória do pensador ao forno deixou de ser, hoje em dia, anedota de um passado distante, para se incorporar, quase imperceptível, ao próprio contexto em que nos descobrimos inseridos.

Um exemplo apenas. O mecânico de uma oficina de automóvel aplicava uma borracha isolante em toda a parte inferior do motor de um fusca. Alguém perguntou: o que é isso, borracha isolante? A resposta veio característica da funcionalidade, a grande armação da essência da técnica: “para mim é indiferente o que seja. O importante é que isola!” A resposta lembra aquele entendimento tão corrente mas tão fanho e trôpego da XIª Tese sobre Feuerbach: “ Os filósofos até aqui só interpretaram o mundo de maneira diferente. O que importa é transformá-lo.” O entendimento fanho dos Habermas da vida separa “interpretar”, de “transformar”, atribuindo a Marx a sandice de que se deve transformar o mundo sem interpretar! Ora, transformar por transformar, o capitalismo também transforma o mundo, a saber, num determinado sistema de produção de bens e serviços. Mas com esta transformação Marx não está satisfeito. Marx e o marxismo constituem até uma denúncia, muitas vezes, violenta das injustiças e desumanidades desta transformação, condenada como um sistema de alienações. Assim não é toda e qualquer transformação do mundo que importa. Mas, então, o que se há de fazer para se chegar à transformação que importa, se não se deve interpretar o mundo? Resposta: é só não separar “ interpretar “de “ transformar“. Pois toda a transformação do mundo pressupõe uma mudança radical na representação do mundo. Ora, só se chega a mudar radicalmente a representação do mundo, interpretando-se o mundo de modo suficientemente radical. A exigência de uma transformação radical se funda, portanto, numa interpretação bem definida de como deve ser o mundo. O entendimento fanho da tese é que dá a impressão de nela se falar contra a filosofia, quando na verdade se levanta justamente a exigência e necessidade de um pensamento radical.

É este o pensamento de que carece a funcionalidade da sociedade descartável do consumo. Pois o ser e a verdade não interessam à funcionalidade. O que interessa não são as coisas e as pessoas em constante transformação. São as funções. O indispensável é que tudo funcione. Como se pode ver, a essência da técnica não são as máquinas, os instrumentos, os aparelhos. Tudo isso não passa de figurantes. A essência mesma é a funcionalidade de tudo e de todos, magistralmente interpretada pelo filme *Alphaville* de Godard. Por isso também é uma insensatez ideológica se pretender que a máquina ou, o que dá no mesmo, um modo de produção escraviza ou liberta o homem. O homem só pode ser escravizado ou libertado por uma transformação em seu modo de ser homem. Nenhuma revolução é transformadora. Toda revolução quer transformar pela racionalidade. Ora, um revolucionário

racional só engana a si mesmo, pensando que é revolucionário. E por quê? - Porque uma revolução pela razão é dogmática e impõe uma ortodoxia. A ortodoxia não depende do conteúdo dos dogmas em que se crê. A ortodoxia depende de se acreditar e crer através e pela razão. A razão é o que há de mais ortodoxo, de mais reacionário e conformista no mundo. Quando se ouve isto, pensa-se logo: será, então, que toda transformação e toda revolução têm de ser irracionais? - Tem-se aqui neste modo de pensar um exemplo de como a lógica da razão não só é estreita e acanhada como reducionista e acachapante: nos acachapa a liberdade de pensar. Pois concluir que tudo, que não for racional deve ser e tem de ser irracional é de certo modo uma conclusão racional de vez que o irracional pertence à penumbra lógica da racionalidade, como o seu contrário! E se a essência originária do pensamento não for nem racional nem irracional, com que cara ficará aquela conclusão? - Com a cara da intransigência da razão que só aceita a si mesma até no outro!

A primeira anedota, portanto, nos põe na atmosfera do pensamento, na medida em que nos convida a deixar a ditadura da razão e nos desfazer dos atropelos da lógica. O que é a ditadura da razão? A ditadura da razão é exclusiva e excludente e consiste em montar um sistema universal de prestar contas e dar explicações evidentes e suficientes, coerentes e consistentes de tudo que é, de tudo que se conhece e de tudo que se faz, seja nas ações que se põem, seja nas atitudes que se tomam, seja nas omissões, que se praticam. Prestar conta e dar explicação está em arguir, consiste em argumentar, no sentido de oferecer, discursivamente, condições necessárias e suficientes de possibilidade e determinação, de controle e sustentação. Racionalidade não diz apenas a regra e o domínio da razão. Racionalidade diz sobretudo a razão, como regra e domínio de tudo. Para os fragmentos de Heráclito nos poderem levar até à atmosfera do pensamento, temos de nos dispor a violar a ditadura da razão e de nos descolar da discursividade da lógica. Mas para ficar com quê? de mãos vazias? ou com uma mão na frente e outra atrás? - Não! Em lugar de razão e lógica, aquela disposição e esta descolagem nos presenteiam com o vigor do *Lógos*: a dialética. A morada do pensador nunca pode ser de exclusão mas é sempre de inclusão. O pensamento acolhe no e pelo ordinário o extraordinário, vê o invisível no visível, é a disputa recíproca do que se exclui com o que se inclui. Os ditos do pensamento não se movem rígidos e inflexíveis, como a necessidade; não são “dicta-dura”, os ditos do pensamento fluem maleáveis e dóceis, como a possibilidade; são “dicta suavia”. Esta é a lição da primeira anedota.

A segunda anedota se encontra em Diógenes Laércio. É um doxógrafo e biógrafo do final do terceiro século. Compilou excertos e citações de terceira e quarta mão da literatura helenista de seu tempo, para escrever um compêndio em 10 livros sobre “as vidas e doutrinas dos filósofos ilustres”: Βίοι καὶ γνῶμαι τῶν ἐν φιλοσοφίᾳ εὐδοκμησάντων. O nono livro nos conta de Heráclito a seguinte estória: IX, 3:

ἀναχωρήσας δ' εἰς τὸ ἱερὸν τῆς Ἀρτέμιδος μετὰ τῶν παίδων ἡσπραγάλιζε περιστάντων δ' αὐτὸν τῶν Ἐφεσίων, τί, ὦ κάκιστοι, θαυμάζετε; εἶπεν ἢ οὐ κρεῖττον τοῦτο ποιεῖν ἢ μεθ' ὑμῶν πολιτεύεσθαι;

Mas, tendo-se retirado para o templo de Artemísia, jogava dados com as crianças; e aos efésios, que se postaram em sua volta, disse: “patifes, o que estão olhando espantados? Ou será melhor fazer isso do que fazer política com vocês?”

A segunda anedota é também uma provocação, que nos joga no âmbito do pensamento. Um grupo de curiosos se achega e cerca o pensador. Só que desta vez não são estranhos. São habitantes de Éfeso, como o próprio Heráclito. O estranho agora não é um pensador estar num lugar comum, mostrar uma condição comum e fazer uma coisa comum. Heráclito recolhera-se ao templo da deusa protetora da cidade. Desde tempos muito antigos havia em Éfeso um templo de Artemísia. Era uma das sete maravilhas do mundo ao lado da (2) *estátua* de Zeus em Olímpia, dos (3) *Jardins Suspensos* de Semíramis na Babilônia, do (4) *Mausoléu* de Halicarnaso, do (5) *Colosso* de Rodas, do (6) *Farol* de Alexandria e da (7) *Pirâmide* de Quéops. No início da era cristã, 400 anos depois de Heráclito ainda se conservava o templo de Artemísia, quando, em suas viagens apostólicas, São Paulo foi pregar o evangelho aos efésios. Num tumulto do povo contra a pregação de Paulo ouviu-se por duas horas o grito dos efésios: μεγάλη ἢ Ἐρτέμις τῶν Ἐφεσίων.

De novo, a presença da divindade mas numa situação contrária. No forno, o pensador descobre a presença dos deuses, vendo o que ninguém vê. No templo, Heráclito não se liga para a deusa; não vê nem respeita o que todo mundo vê e respeita o que todo mundo vê e respeita: a presença de Artemísia. Em vez de culto e respeito, joga dados com as crianças. O substantivo ὁ ἀσπράγαλος diz propriamente a vértebra. Era do osso das vértebras que os gregos faziam os dados e

as pedras de jogo. Por isso jogar dado ou qualquer jogo de pedra se dizia com um verbo derivado: ἀστρογαλίζω. Um pensador, em vez de pensar as questões políticas e éticas do momento crítico por que está passando Éfeso, se aliena, indo brincar com as crianças no templo da deusa. Se, na primeira anedota, Heráclito se empenhava tanto pela presença dos deuses que os encontrava até no forno, agora dentro da casa da deusa, desrespeita a divindade com brincadeiras profanas.

Heráclito lê novamente as suposições de toda esta decepção dos efésios. E de novo os convida a pensar. Mas o convite tem agora um outro tom. A palavra da primeira estória era amiga e encorajadora. O pensador ainda tinha esperança nas possibilidades de reflexão dos visitantes. Agora não. Ele os interpela numa apóstrofe agressiva: “patifes, o que vocês estão olhando admirados?” A palavra é dura e de um repúdio sem ilusões. Da primeira vez, havia no convite uma certa confiança. Junto com o pensador, os estranhos foram convidados a perceber a presença dos deuses. Agora há uma separação completa. Heráclito se discrimina dos que o cercam. Não quer saber nada de política. Ele não tem nada a ver com o empenho e cuidado que os efésios dedicam à πόλις .

Já se disse que Heráclito era um misantropo incurável. E para um misantropo o pensamento não tem nada a ver com os outros. Por isso não cuida de política nem da sociedade. A filosofia não é uma prática social. Em consequência, Heráclito só se chafurda na “idiotia” de uma existência particular. É uma atividade privada e privativa da vida individual de cada um. Esta é uma leitura moderna da vida e atividade de Heráclito em Éfeso no final do século VI e início do século V antes de cristo. Um belo anacronismo! Mas, a desgraça para a educação do pensamento e para a aprendizagem de pensar, não é tanto o anacronismo da interpretação. O pior de tudo é a renúncia que traz consigo. Este entendimento moderno de Heráclito renuncia de antemão a pensar historicamente, isto é, a deixar ao passado o vigor de sua vigência histórica, porquanto lhe nega toda a força por vir e qualquer poder de transformação futura. Pois uma coisa é construir, com modos de leitura e combinações de coisas, uma imagem do passado adequada às exigências e limitações do presente. É o que faz a ciência da história. Outra coisa bem diferente é pensar o vigor histórico da história, experimentando a influência sempre vigente do passado no que já está a caminho. É o que faz a hermenêutica de um pensamento radical. As tentativas dos historiadores de reviver o passado com os dados e fatos de um presente já pretérito não passam de fachada. São a fachada de uma errância

essencial e resultam de uma cegueira radical na própria construção do método historiográfico. O que é uma cegueira radical?

É o que aconteceu com a descrição historiográfica da situação de Heráclito, recusando-se a fazer política com os efésios. Identificou-se a provocação para pensar desta recusa com misantropia e rejeição da πόλις, sem nem se perguntar se tal era possível para um grego dos séculos VI e V a. C. Pois dentro da experiência originária dos gregos não é possível separar o *fanum* do *pro-fanum*, a divindade da cidade, os deuses da política, isto é, o culto dos deuses do cuidado com a πόλις. Cuidar da presença dos deuses se identifica com a mais alta cultura política. O que um grego vive e experimenta numa φύσις, como πόλις, é a densidade inaugural em que a realidade, o ser, a πόλις, lhe advém nas realizações do real. A palavra πόλις tem a ver com o verbo πέλω - πέλομαι que diz o conjunto de todos os processos, movimentos e ações de ser, não ser e vir a ser, tanto no aparecer como no desaparecer de tudo que vige e vigora, que surge e cresce, que se ergue e se impõe, por si mesmo, com a força de seu próprio ser. É o que nos passa o primeiro versículo do famoso coro de *Antígona*: πολλὰ τὰ δεινὰ κ'οὐδὲν ἀνθρώπου δεινότερον πέλει: “muitas são as coisas vigorosas mas nada se ergue e se impõe (πέλει) com mais vigor do que o homem!” Para os gregos, πόλις diz o pólo em que a realidade faz girar, diz a estância em que a realidade estancia e distancia, diz o lugar em que a realidade centra e concentra tanto a realização como a desrealização de todo o real e de qualquer irreal. É no sentido desta experiência originária que, no cuidado com a presença dos deuses, Heráclito é visceralmente político e se tornou no pensamento do Ocidente o pensador radical da πόλις. Portanto, mesmo entre os gregos e inclusive nos tempos de Heráclito em Éfeso, nem todo político é “político”, isto é, age em sintonia com a dinâmica da πόλις. Há, pois, πολιτεύεσθαι e πολιτεύεσθαι, política e política não são sempre uma e a mesma política, isto é, não se movem no mesmo nível!

Mas o espanto dos efésios é igual ao nosso. O que não entendemos não é tanto a necessidade do extraordinário e do invisível na coisa pública e na política. O que não entendemos é que jogar dados com as crianças no recinto do templo já seja cuidar e interessar-se pela presença dos deuses na política. É o que os Efésios não compreendem e por isso olham espantados para Heráclito. Mas esta incompreensão não é o pior. Pior do que este impasse é a presunção de ter compreendido a postura de Heráclito e levar logo os partidos e os programas partidários para dentro das igrejas. Heráclito percebe a dificuldade e compreende-lhe as suposições. E



justamente por compreender, pergunta: Por que os efésios estão olhando admirados? - Porque sua admiração não é virtuosa, é viciosa, gira em círculos, procurando sempre confirmar um pretensão já saber o que é jogo e jogar, o que é criança e criar, o que é deusa e divindade, o que é política e poder! O que provoca o pensador é a qualidade do espanto dos efésios. Eles olham os dados e só vêem diversão sem compromisso; olham as crianças e só vêem brincadeira irresponsável; olham o pensador e só vêem perda de tempo alienada; olham o templo e só vêem meios de apropriação; olham a deusa e só vêem magia e favor. A pergunta é agressiva porque o espanto é irrefletido: na admiração, os efésios percorrem apenas a bitola de conceitos não analisados e repetem apenas padrões petrificados de reação.

Mas de que maneira se poderá sacudir preconceitos empedernidos? Como se poderá compreender a conduta de Heráclito de modo a soltar a liberdade do pensamento? - Talvez, para isto, nos sirva de ajuda uma discussão do que já pretendemos saber sobre o jogo e a diversão!

O que é jogo e diversão?

Com os dados e as crianças, se dá um outro jogo e se presencia uma outra diversão. O jogo não é uma necessidade, é um esporte; a diversão não é um dever, é uma escolha. Por que existe no universo uma criatura que gosta de jogar e divertir-se? - Porque divertir-se é separar-se do que se deve ser e trocar a necessidade pela liberdade; é evadir-se das imposições de um mundo lógico de regras e deveres para um mundo inesperado de inventividade e criação. De que o homem se diverte no jogo? - Ele se diverte das constricções! Com que o homem se diverte no jogo? - Ele se diverte com a liberdade. A pergunta de Heráclito é agressiva porque nos joga na diversão da liberdade e no jogo da criação humana. Com isso, a diversão perde seu caráter passivo e frívolo e se converte no mais alto grau de ação e atividade: na invenção e inventividade. Pois, fazer e produzir são, no fundo, no fundo, passividades. O mais ativo que o homem pode ser não é no trabalho mas no empenho com que se dedica a criar o seu modo de ser e a inventar a fisionomia de sua humanidade. Os demais seres vivos vivem sem mais. Só o homem sobre-vive, isto é, o homem é o único ser vivo que, para viver, não basta viver, tem de empenhar-se por viver, deve assumir a responsabilidade de dedicar-se a viver, tem de cuidar da vida.

É este também o sentido ontológico do esporte que encontramos na própria palavra. Por isso todas as línguas de hoje usam este mesmo étimo. Não somente o gelo conserva fresca a carne dos mamutes da Sibéria. Os étimos das línguas tem a

mesma propriedade, em seu gênero. Conservam as experiências criativas das comunidades humanas, para estimular a aprendizagem de pensamento das gerações futuras. Assim aprender a pensar inclui sempre aprender a recuperar dos étimos essenciais as experiências originárias entulhadas ao longo dos séculos pelos automatismos do uso. As etimologias não têm interesse apenas para o museu das línguas. Permitem também a um pensamento radical descobrir nos étimos os endereços esquecidos das experiências humanas primordiais. É o que acontece com a palavra *Esporte*. Conhecemos expressões como “estar de serviço”, “estar de guarda”, “estar de vigília”. Os marinheiros do mediterrâneo conheciam a expressão “estar de porto”. Com ela se designava a vida de folga e folguedos dos marinheiros nos portos, em oposição à vida de trabalho, fadiga e esforço no mar. Mas não se deve reduzir o “estar de porto” apenas à vida de prazeres e delícias nas tavernas e nos bordéis. Nos portos, os marinheiros não somente negociavam e traficavam, se embriagavam e divertiam. Havia também as inúmeras estórias e longas conversas de marinheiros das regiões mais distantes e das culturas mais diferentes. Durante séculos, estas conversas de marinheiro eram os únicos meios de encontro e disseminação das culturas e os veículos mais eficazes de transmissão das civilizações e do progresso. Nelas os gregos, lá pelos idos dos séculos XIII ou XII antes de Cristo, aprenderam dos marinheiros e mercadores fenícios o alfabeto semita, que, aos poucos, foram adaptando à estrutura de seu modo de pensar e de falar. Também faziam parte da vida nos portos os jogos e competições de força e destreza. Na cultura provençal do século X, já constam as palavras *deports* e *solatz*, usadas frequentemente juntas para designar *deport*, o jogo das conversas e da poesia e *solatz*, as disputas corporais: a caça, a justa, a argola, a dança. Os étimos, portanto, *esporte* e *serviço*, designam todo o repertório das atividades humanas, cujo âmbito a necessidade, com suas atividades servis, e a liberdade, com suas atividades livres, descrevem nas expressões “estar de serviço” e “estar de porto”, isto é, nas expressões “serviço e esporte”.

Agora talvez comece a surgir dentro de nós o endereço a que Heráclito, jogando dados com as crianças no templo de Artemísia, nos procura enviar com pergunta agressiva dirigida aos efésios: “o que, patifes, estão olhando espantados? ou não será melhor fazer isto do que fazer política com vocês?”

A terceira anedota encontramos em Aristóteles.

Três anedotas que a tradição nos conservou sobre Heráclito servem para nos recolocar na atmosfera do pensamento. De há muito fomos desviados do elemento

em que vive e pensa o pensador de Éfeso. A primeira anedota nos convidou a deixar a ditadura da razão e nos desfazer das peias da lógica. É um convite ainda negativo. Não nos disse nem como fazê-lo nem que atitude assumir em troca. A segunda anedota nos acenou com o jogo originário do *Lógos* e nos prometeu a possibilidade de uma liberdade criadora para o pensamento. É um aceno cujo exercício impõe nova gravidade; é uma promessa que exige disposição para mudanças radicais.

A terceira anedota nos aponta agora a condição *sine qua non* para se chegar a uma disposição radical. Nós a encontramos em Aristóteles. É a estória de Heráclito, o obscuro, o enigmático, o tenebroso! Desde Timão de Fliunte, um autor satírico do terceiro século antes de Cristo, ela se espalhou pela antiguidade inteira. Para toda esta estória, Aristóteles propõe, no dizer de Diógenes Laércio, a seguinte explicação: “deve haver algum defeito no caráter de Heráclito, alguma coisa biologicamente errada, que o leva a falar de modo tão obscuro e em paradoxos contraditórios”.

A palavra usada por Timão, em sua sátira, é ἀνικτής aquele que fala por enigmas”, “the riddler”, “o charadista”; de *per si* não tem necessariamente sentido depreciativo. O termo se deriva de ὁ αἴνος cujo significado fundamental é sentença oracular, uma palavra inaugural e por isso ambígua e paradoxal. Dentro do uso e da experiência originária dos gregos, não se trata de uma ambigüidade pejorativa, advinda de superficialidade e incompetência. Ao contrário, diz a ambigüidade, prenhe de mistério, da realidade. É a ambivalência de tudo que vive junto à origem e mora próximo da fonte das coisas. Transposta, pelo esforço de dizer para o nível da fala e do discurso, toda experiência originária torna-se paradoxal e contraditória. O paradoxo e a contradição constituem a maneira comum e o modo ordinário de o banal sentir, sem nem mesmo se dar conta, a grandeza inaugural do princípio. Para uma experiência originária é quase impossível tanto abandonar quanto expressar a vigência indizível da origem. É o que nos lembra com muita propriedade Hölderlin nas famosas palavras do *Hino ao Reino*: “*Schwer verläßt, was nah am Ursprung wohnt, den Ort*”: “Difícilmente deixa o lugar de morada o que mora junto à fonte”. Pois bem, é esta profundidade e riqueza que integra a experiência grega da ambivalência, ambigüidade e contradição, vigentes em toda a sentença oracular e em toda a palavra inaugural. Por isso também se derivaram de ὁ αἴνος, 1º) os verbos: αἰνίζομαι e αἰνέω, que dizem falar e celebrar a origem e, portanto, louvar, enaltecer; 2º) o substantivo feminino, ἡ αἴνη, a glória e a fama de ser origem e princípio, de fazer nascer e dar vida; 3º)

αἰνίττομαι, induzir a criar, desafiando com paradoxos e enigmas, bem como τὸ αἰνίγμα ou ο αἰνιγμός (= enigma), a palavra poderosa que, por sua ambivalência e dualidade, vale o destino e decide a sorte. Deste mesmo radical provêm o alemão *der Eid* e o médio-irlandês *o-eth*, com o sentido de juramento, palavra solene de compromisso. O grego conhece ainda um outro derivado (ἀν-αἴνομαι) que diz procurar e desejar ardentemente, inquirir, buscar, questionar.

Obscuro, enigmático, confuso são conceitos relativos. Todos eles supõem um parâmetro, em relação ao qual se definem em sua função semântica e força significante. Ora, o parâmetro com que se tem medido a obscuridade de Heráclito são as possibilidades e os recursos de determinado modo de ser, o modo de ser lógico e discursivo da razão. Toda a dificuldade não está, pois, numa obscuridade dos fragmentos mas na resistência em se alterar o paradigma da compreensão. Heráclito é considerado obscuro porque é difícil compreendê-lo. Mas só é difícil compreendê-lo porquanto determinada compreensão mobiliza apenas os recursos da razão. Ora, com todos os seus recursos, a razão constitui apenas um modo de ser e não o modo de ser de toda compreensão. Por isso, para se compreender Heráclito, é necessário um outro modo de ser, de vez que a obscuridade não provém de Heráclito e seu pensamento. A obscuridade provém da dificuldade de se mudar e transformar este modo de ser da compreensão. E qual seria este outro modo de ser?

O modo de ser que exige e supõe a compreensão de Heráclito não é o modo de ser do conhecimento mas o modo de ser do pensamento. Pois há dois modos de ser: o modo de ser do conhecimento e o modo de ser do pensamento. Se você deseja conhecer, não precisa mudar muita coisa em seu ser. Precisa somente adquirir um conjunto finito de informações, regras de combinação, modos de proceder e meios de demarcação. Tem de desenvolver ainda uma grande habilidade em colher, subsumir e calcular relações, em testar e procurar falsificar padrões de correspondência e interpolação. Com isso se tem o necessário e suficiente para conhecer e produzir conhecimentos. Não é necessário transformar-se para conhecer. Pois é no nível e com o modelo do que já se sabe que se aumenta o acervo do conhecimento. O ser do “sujeito” pode permanecer o mesmo ser antes e depois de se ter conhecido, sem que se inviabilize, com isto, o conhecimento. Conhecer é, pois, uma atividade transiente e não imanente, como diziam os aristotélicos latinos. A transmanência não é uma condição apenas do “objeto” mas também do “sujeito” do conhecimento. “Sujeito” e “objeto” não se alteram, em seu modo próprio de ser, com a produção do conhecimento. Não é preciso alcançar um nível diferente de

realização para se conhecer alguma coisa. Por isso, por não forçar uma mudança no modo de ser e realizar-se do homem, o conhecimento pode ser claro e distinto; é fácil de ser compreendido e definido, de ser representado, calculado e operado. Pois ser fácil e ser claro convém e valem de tudo que não exige transformação nem impõe mudança de monta. É este o estatuto ontológico de todo o conhecimento, seja ele filosófico ou científico, seja dogmático ou crítico, seja natural ou produzido.

Outro é o modo de ser e o estatuto ontológico do pensamento. Para pensar não ajuda muito tudo que se possa saber, conhecer ou fazer. Pois quando se chega a saber, conhecer ou fazer alguma coisa, o processo de ser e pensar já se instalou e consolidou. Depois da guerra, durante a ocupação do Japão, um antropólogo americano apareceu num mosteiro de Kioto com um questionário de trezentas perguntas. Queria conhecer o modo de pensar e compreender a mentalidade dos japoneses. O conhecimento facilitaria a tarefa de democratizar o Japão. Ninguém perguntou aos japoneses se queriam ser democratizados. A democracia lhes foi imposta com a mesma força e ditadura de que se acusava o Micado. O mestre o convidou para assistir à cerimônia do chá. O antropólogo desculpou-se por não aceitar o convite mas não podia perder tempo. Ainda tinha toda a cidade para aplicar o questionário. Bastava que respondessem as trezentas perguntas, do ponto de vista Zen. O mestre fê-lo sentar e lhe deu uma caneca Zen. Ao menos tomaria chá enquanto as perguntas estavam sendo respondidas. O antropólogo estendeu a caneca e o monge derramou o chá e continuou derramando mesmo depois de transbordar. O antropólogo assustou-se e gritou: já está cheia, não cabe mais e puxou a caneca! O mestre devolveu o questionário com as trezentas perguntas e avisou: já está cheio, não cabe mais nenhuma resposta.

Uma cabeça feita não serve para pensar. A fim de se compreender o pensamento de Heráclito, urge uma outra qualidade de ser, impõe-se uma outra índole de leitura, exige-se um outro nível de realização, diferentes do conhecimento e do modo lógico da compreensão. Ora, tudo isso requer transformação, demanda uma paciência estranha, a de “esperar o inesperado”, de acordo com o fragmento 18:

ἐὰν μὴ ἔλπηται ἀνέλπιστον  
οὐκ ἐξευρήσει, ἀνεξερεύνητον  
ἐὸν καὶ ἄπορον.

“Se não se espera, não se encontrará  
o inesperado, sendo sem vias de  
encontro nem caminhos de acesso!”

E como transformar-se é penoso, como “esperar o inesperado” angustia, como crescer dá trabalho e amadurecer traz dor e sofrimento, naturalmente é Heráclito que é obscuro e confuso, que é enigmático e difícil de compreender.

Quando se está aquém do nível em que o pensamento se move, Heráclito não pode ser compreendido e por isso seu pensamento é obscuro. Quando, porém, se alcança o nível do pensamento, desaparece toda a escuridão e Heráclito se torna luminoso e iluminado. O sol pode estar brilhando mas de olhos fechados só se vê o escuro. E não adianta abrir os olhos e olhar diretamente o sol. A luz é tanta que se fica cego, sem enxergar nada. É o caso dos fragmentos de Heráclito. A escuridão da leitura resulta tanto dos olhos fechados quanto da intensidade da luz. É preciso aprender a ver; é preciso ajustar-se a luminosidade do pensamento. Os grandes pensadores sempre falam em paradoxos e contradições. E não o fazem por escolha e sim por terem sido colhidos pela simplicidade, com que a realidade se realiza nas peripécias e vicissitudes do real. Para evitar o paradoxo e fugir à contradição, tem-se de substituir o real, na simplicidade de sua realização, pelos artifícios de um sistema de teorias e explicações. Há, então, clareza e nitidez mas às expensas e às custas da realidade. Heráclito não propõe uma teoria, não dá explicação nem constrói um sistema sobre a realidade, realizando-se nas realizações presentes, passadas e futuras do real. O pensador não é um gênio laplaceano que, por conhecer exaustivamente todo o estado presente, conhece todos os estados passados e todos os estados futuros do mundo; nem é um gênio maligno que se compraz em causar, com a organização e estrutura da mente, a ilusão inexorável de verdade no erro. No pensador, o pensamento é simplesmente o espelho da realidade em que o real se reflete tal como é, com todas as posições, oposições e composições de suas realizações. É um espelho, que não é nem ambíguo nem confuso nem obscuro mas apenas verdadeiro, com a verdade da realidade. Se o pensamento é o espelho da realidade, o conhecimento é a fotografia do real. Uma fotografia que não muda, não se move nem se transforma, por ser incapaz tanto de morrer, enquanto vive, como de viver, enquanto morre. O conhecimento só lida com coisas, objetos e substâncias de essência estável e acabada. Em seus sensores não há registro para processos em sentido radical. Seus processos são os fatos, na formulação lapidar de Wittgenstein, “combinações de coisas”. Para Heráclito é diferente. No nível do pensamento, só vale o concreto. E no concreto, a raiz de tudo é o processo. As coisas e os objetos são como quasares cintilando na escuridão do céu. Na visão a olho nu, são pontos

pequeninos e brilhantes, suspensos no espaço, mas em si mesmos são nebulosas em expansão.

No século VII, lá pelos anos 600 de nossa era, o Zen chinês cindiu-se em duas correntes, conhecidas como escola do norte e escola do sul. Que ambas viviam de uma mesma compreensão do Zen, mostra a sucessão de Hung-Jeng com a escolha do sexto patriarca. Ao chegar o momento de passar o cargo, Hung-Jeng, o quinto patriarca, pediu aos monges que cada um compusesse um verso, mostrando sua visão e compreensão do Zen. O mais iluminado seria escolhido para sucedê-lo no patriarcado, como o sexto patriarca.

Shen Hsiu era o primeiro entre os discípulos do velho patriarca. Veterano na comunidade, de grande experiência na meditação e com toda a prudência dos iluminados, não tinha páreo que pudesse competir com ele na sucessão. Era a escolha certa. Compôs o seguinte verso:

“O corpo é a árvore Bodhi.  
A mente, um espelho polido.  
Deves cuidar de limpá-lo sempre,  
para que nenhum grão venha manchá-lo.”

Qualquer um, com um mínimo de percepção da vida mística e experiência contemplativa, quer no Ocidente quer no Oriente, sente o significado deste verso. Baseia-se na distância entre corpo e mente e considera a iluminação o resultado de uma purificação da matéria e uma libertação das condições terrenas e temporais, impostas ao espírito pelo corpo. A iluminação se alcança pelo esvaziamento da mente. Este é, ao menos, o entendimento que, em geral, se tem do Zen e da mística.

Acontece que vivia no mesmo mosteiro um camponês analfabeto, Hui-Neng, que nem era monge, trabalhava apenas na cozinha e cuidava da horta. Ao escutar o verso, achou aquele entendimento do Zen uma completa impropriedade e ditou a versão que lhe valeu a escolha para suceder Hung-Jen. O seu verso dizia:

“Bodhi nem se parece com árvore.  
Espelho limpo não tem mancha.  
Se no fundo tudo é vazio,  
onde está o grão de pó?”

Na perspectiva do pensamento de Heráclito, o cozinheiro, Hui-Neng, era um pensador. Por quê? Para Heráclito, pensar é deixar a realidade ser realidade nas peripécias de realizações do próprio pensamento. E neste sentido, o camponês

analfabeto era um pensador. Pois seu verso não era um verso sobre a experiência ZEN. Seu verso deixava o ZEN ser verso, pensando reciprocamente a identidade de ZEN e verso a partir da diferença. É o que nos convida a fazer o fragmento 8º de Heráclito:

τὸ ἀντίξουν συμφέρον  
καὶ ἐκ τῶν διαφερόντων  
καλλίστην ἄρμονίαν

“O que se opõe, se compõe  
e do que se pro-põe em diferenças, a  
conjunção mais bela.”

O pensamento dos pensadores originários difere e confere com os outros exercícios de pensar por ser e cumprir um pensamento radical. Mas o que é um pensamento radical? - É o pensamento que pensa na medida em que desce até às raízes misteriosas do próprio pensar. Quando dizemos, “penso que vai chover”, não pensamos. Achemos apenas, e qualquer que seja a eficácia dos recursos, a certeza dos métodos e a segurança das técnicas deste dizer. É que todo esforço de pensamento ou compreende a vigência da realidade nos desempenhos da existência ou não pensa radicalmente. Constata e combina apenas dados, descreve e apresenta apenas situações, elabora e articula apenas fatos. E a realidade não é um fato entre os fatos. Pensar a realidade é apreender-lhe a força de imanência transcendente que se dá e se retrai na dinâmica do próprio pensamento e de qualquer outra realização. É por este modo estranho de dar-se, retraindo-se, que o exercício do pensamento originário se torna obscuro e impõe enigmas às falas e contradições aos discursos.

Ao longo de toda a história do pensamento Ocidental, a obscuridade de Heráclito provocou sempre novas tentativas de explicação. São seis ao todo: a explicação de Aristóteles, a de Cícero, a de Hegel, a de Hölderlin e por último a de Nietzsche e Heidegger. Quatro delas partem da suposição de que, no âmbito do pensamento, não deve haver obscuridade, enigmas e contradições. A clareza não é apenas “a cortesia do Filósofo”, como tem de ser também uma obrigação do pensador. E a tal ponto, que não se deve aventurar a pensar quem não conseguir fazê-lo com clareza. É, ao menos numa primeira aproximação, o conselho que nos dá Wittgenstein na última sentença do *Tractatus*: “*Wovon man nicht sprechen kann, darüber muß man schweigen*”: “do que não se pode falar, deve-se calar”.

Heidegger questiona a suposição das explicações propostas. Para ele, Heráclito não tinha escolha, pois havia sido colhido e atropelado pela avalanche da realidade.



Nobre é a força inaugural de uma origem, por isso nobreza diz sobretudo a grandiosidade de uma proveniência. É neste nível que Heidegger encara o estilo de Heráclito e pergunta a respeito da propalada obscuridade de seu pensamento. Na preleção sobre Heráclito escreve ele:

“Was ist, wenn wir den Adel des Wortes an dem messen, was im Wort das zu Sagende bleibt, was ist dann gefügter als ein Spruch des Heraklit? Wo spricht eine höhere Sorgfalt des Wortes? Doch der Grund für den anfänglichen Adel diesen denkerischen Sprache liegt nicht in einer besonderen Sprachbegabung des Denkers, sondern im Wesen dessen, was in diesem denken gedacht ist und das Zudenkende bleibt, und was als dieses das Wort hervorruft, so daß der Denker nur dazu bestellt ist, diesen Ruf nachzusagen. Das Wort ist im Anfang des Sagens überhaupt noch nicht zum bloßen, sprachlichen Ausdruck hinab gefallen und zu Wendungen veräußert, von denen jede beliebige auch beliebig gut eine andere ersetzen kann. Das Wort ist hier noch in seinem anfänglichen Wesen - das Wort -, ohne daß die anfänglichen Dichter und Denker von diesem verborgenen Wesen des Wortes ein Wissen besitzen oder auch nur benötigen!”

“Se medirmos a nobreza da palavra pelo que nela se deve dizer, então o que é mais articulado do que uma sentença de Heráclito? Onde nos fala um maior cuidado com a palavra? Mas o fundamento da nobreza originária desta linguagem não está num dote especial do pensador. O seu fundamento reside no próprio modo de ser do que ele pensa, no próprio modo de ser daquilo que, neste pensamento, deve ser pensado e que, assim, chama a palavra, e de tal maneira a chama que o pensador só existe para dizer este chamado. No princípio da fala, a palavra ainda não tinha decaído em mera ‘expressão’ nem se havia alienado em ‘formulações consagradas’, qualquer uma delas podendo substituir qualquer outra como igual competência. Aqui a palavra ainda vive em seu vigor originário, sem que os poetas e pensadores originários possuam ou mesmo tenham necessidade de saber este vigor escondido da palavra.”

O que determina o estilo de Heráclito é o pensamento originário. É o que há de ser pensado que constitui o fundo e fundamento tanto da nobreza da palavra como da obscuridade do pensamento.

Hegel também pensa assim mas numa outra perspectiva e por um motivo bem diferente. Nas *Preleções de História da Filosofia* diz Hegel sobre a obscuridade de Heráclito: “*Das Dunkel dieser Philosophie liegt aber hauptsächlich darin, daß ein tiefer, spekulativer Gedanken in ihr ausgedrückt ist*”: “mas o obscuro desta filosofia reside principalmente em nela se expressar um profundo pensamento especulativo”. É que o conceito especulativo, a idéia contraria o entendimento. Por isso o entendimento tem grande facilidade em apreender uma relação matemática mas sente grande dificuldade em apreender uma “cópula especulativa”. Neste sentido, a obscuridade de Heráclito não está nem num defeito biológico, como pretendia a explicação de Aristóteles, nem num propósito de confundir os não iniciados, como imaginava Cícero, nem num estilo sibilino e complicado. A obscuridade de Heráclito provém da própria filosofia. Medida pela capacidade de compreensão do entendimento, toda filosofia é sempre e necessariamente obscura. A tarefa da filosofia reside justo em libertar o pensamento da insuficiência de uma

compreensão confusa, porque condicionada pelos limites do entendimento, para levá-lo a uma compreensão especulativa e incondicionada da razão. Na filosofia do absoluto de Hegel “*die Vernunft*”, a razão, ultrapassa “*der Verstand*”, o entendimento. O papel da razão é reconduzir à luz do saber absoluto de uma certeza incondicionada o que, no entendimento, se apresenta inacessível e por isso confuso. Obscuro é o relativo, tudo que ainda não atingiu a claridade sem sombras de um saber absoluto. É numa profissão de fé neste modo de ser incondicionado da verdade absoluta na filosofia que Hegel conclui sua aula inaugural na Universidade de Heidelberg aos 28 de outubro de 1816, ano que viu a publicação do segundo volume da “*Wissenschaft der Logik*”, a “Ciência da Lógica”:

Das zuerst verborgene und verschlossene Wesen des Universums hat keine Kraft, die dem Muthe des Erkennen Widerstand leisten könnte: es muß sich vor ihm aufthun, und seinen Reichtum und seine Tiefen ihm vor Augen legen und zum Gemüte geben.”

“O ser do universo, de início, encoberto e trancado, não tem força que possa oferecer resistência à coragem do conhecimento: há de abrir-se e apresentar suas riquezas e profundidades para a satisfação do conhecimento.”

Hegel entende, portanto, o pensamento de Heráclito pela metafísica do Absoluto de sua “Ciência da Lógica”. E o reconhece explicitamente com as seguintes palavras: “*Es ist kein Satz des Heraklit, den ich nicht in meine Logik aufgenommen*”: “nenhuma” sentença de Heráclito deixou de ser aproveitada em minha Lógica”. Ora, entre a filosofia de Hegel e o pensamento de Heráclito se escoaram 25 séculos de história, em que o pensamento do Ocidente conheceu ocasos e conheceu auroras, atravessou crises e renasceu, sofreu influências e se debateu em encontros, e tudo isto não se deu sem conseqüências e transformações radicais. Desde o final do século IV e início do século III, dois séculos mais ou menos após Heráclito, o pensamento radical dos pensadores originários se transformou em Sócrates, Platão e Aristóteles, em filosofia com uma progressiva estruturação onto-teo-lógica. Trata-se de uma de-cisão que vive da perplexidade em pensar a identidade como identidade e não como igualdade, isto é, que vive da dificuldade de se encontrar com a identidade no próprio seio das diferenças. Esta de-cisão, ao instituir as dicotomias de um comparativo ontológico, se pronuncia pelo ser contra o nada, pela essência contra a aparência, pelo bem contra o mal, pelo inteligível contra o sensível, pelo permanente contra o mutável, pelo verdadeiro contra o falso, pelo racional contra o animal, pelo necessário contra o contingente, pelo uno contra o

múltiplo, pelo sincronia contra a diacronia. No poder de seu jogo, é uma de-cisão que se decide pela filosofia contra o pensamento.

Esta de-cisão não é um presente para sempre passado nem se reduz a simples fato de um passado encoberto pela poeira de mais de dois mil e quinhentos anos. Ela é mais do que objeto de curiosidade historiográfica; mais do que uma relíquia no museu do Ocidente. É um passado aiônico, isto é, um passado tão vigente que constitui a fonte donde vivemos hoje, a tradição que nos sustenta. Seu vigor histórico promoveu as mudanças, as experiências e as interpretações destes 25 séculos. Deu lugar a motivos orientais. Concebeu o cristianismo. Provocou o Humanismo, o Esclarecimento e a técnica com as ciências modernas.

Todo este peso histórico de desdobramentos e transformações, entre a obscuridade do pensamento originário de Heráclito e a filosofia do absoluto de Hegel, obstrui uma compreensão positiva e original da dinâmica de interpretações do pensamento radical. A suposição da filosofia do absoluto de que o universo não poderá resistir sempre mas terá de abrir-se um dia ao poder da vontade de saber do conhecimento constitui e forma um padrão essencialmente diverso e oposto à experiência fundamental dos gregos. O κόσμος, a experiência grega do universo, é no vigor e na força de seu ser uma dinâmica de retração e um poder de subtração e por isso só se pode dar como enigma, obscuridade e contradição. A relação do pensamento originário com que se lhe impõe a pensar provém de uma subtração originária. Ora, se pensar equivale a re-colher a retirada do retraimento no vigor do real e na vigência da realização, o modo de ser e a essência do pensamento originário não pode nunca ser o poder de uma vontade que obriga o universo a entregar seus segredos e a força a tirar o véu de seus mistérios.